



Biotônico

FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE



O Biotônico Fontoura restabelece as forças, melhora as funções digestivas, combate a depressão nervosa e a fraqueza muscular, melhora a composição do sangue aumentando os glóbulos sanguíneos, estimula a actividade celular e contribue para restabelecer a saúde nos organismos depauperados.

App. pelo Departamento Nacional de Saúde Publica, em 27-4-1918, sob o N. 175

ODONTOL

PASTA PÓ-ELIXIR
DENTIFRICIOS

Mantem a
hygiene
da bocca

CLARÉAM E
CONSERVAM
OS DENTES

—
Perfumam
o halito

Em todas as
Pharmacias,
Drogarias,
Perfumarias,
ou no
deposito.

F^{CO}. GIFFONI
1.º DE MARÇO 17

PETROL

LOÇÃO DE PETROLEO
MEDICINAL

PERFUMA, —
— ONDULA,
AMACIA E —
CONSERVA O
CABELLO.

ENCONTRE-SE NAS BOAS PHARMACIAS,
DROGARIAS, PERFUMARIAS E
NO DEPOSITO GERAL PHARMACIA E DROGARIA
FRANCISCO GIFFONI & CA
RUA 1.º DE MARÇO, 17—RIO DE JANEIRO

Madame a seu marido:

- Eu não acho bom, Alfredo, que tu continues a pintar o bigode. Nota-se muito.
- Nota-se, onde ?
- No pescoço da copeira !

×

A melhor recordação que uma mulher leva de uma ligeira ligação, é a das vezes que enganou o homem a quem estava ligada.

HENRY BECQUE.

×

- Não me falles dos homens, — diz Annita, — porque os odeio a todos.
- E por que ?
- Se eu pudesse, recolhia todos os homens em um paiz e as mulheres em outro e depois fazia um mar para dividil-os.
- Em tal caso, minha cara, o numero das afogados seria incalculaveis !

VANADIOL

**FORTIFICANTE INSUPERAVEL EM
TODOS OS CASOS DE FRAQUEZA
E EM QUALQUER IDADE
ACONSELHADO PELOS MEDICOS COMO O MAIS
EFFICAZ REVIGORADOR
DA
SAÚDE**

Conversava-se, um dia, na Côte de Luiz XVI sobre casamentos tardios, quando o monarcha voltando-se para o marechal de Villeroi, lhe perguntou, malicioso:

— Duque, o homem que se casa aos cincoenta annos, chegará a ter filhos ?

— Absolutamente, Majestade, — protestou o famoso palaciano. — Não os terá.

— E casando-se aos sessenta ?

— Oh ! — accudiu o duque, precipitado. — Tel-os-á com certeza, Majestade ! Tel-os-á.



Gonorrhéa e suas multiplas complicações (cystites, orchites, prostatites, etc.), Leucorrhéa (flores brancas), Metrites: cura radical em poucos dias por meio de injeções intramusculares de effeito garantido.

Dr. Luiz Sampaio

Das 10 ás 2 horas, na r. Marechal Floriano, 55 (antiga r. Larga)

Telephone Norte 5184

Das 2 ás 6 horas, na r. Rodrigo Silva, 26 Tel. 6181 Central

AS DOENÇAS PROVENIENTES DA

Impureza do Sangue

Molestias da pelle, Escrophulas, Dôr nos ossos, Boubas, Rheumatismo, Feridas, Ulceras, Dartros, Eczemas, Fistulas, Empigens.

SÃO DEBELLADAS PELO **TAYUYA'** DE SÃO JOÃO DA BARRA

Filmando. Chronica

O film americano tem hoje conquistado todos os mercados cinematographicos. Em todos os cinemas do mundo, a produção americana forma o forte do stock. Em qualquer parte da terra onde haja penetrado o homem, e com elle uma machina de projecção, o nome dos artistas yankes anda de bocca em bocca, e os directores da Paramount, da Fox, da Universal, da Metro, da Unitd, da First National, de qualquer das empresas da terra do dollar, são mais conhecidos do que os Mussolini, os Lloyd Jorge, os Coolidge, os Pio XI, os Primo de Rívera ou os Clemenceau.

Nos proprios paizes productores, como a França, a Inglaterra, a Allemanha, e a Italia, para fallar apenas nos mais importantes, mais da metade, muito mais, de produção exhibida nos cinemas é de proveniencia americana. Por mais que se esforcem os productores nacionaes, não conseguem do publico exigente a mesma acolhida que dispensam ao film americano.

Já temos discutido, aqui, esta questão: varias vezes temos retomado o assumpto, bordando variações em torno do mesmo thema; mas como deixar de voltar, qual realejo, a repetir a mesma toada, se o assumpto é tão interessante, e se enraivece tanta gente? Haverá maior prazer do que dizer verdades que desagradam, e ouvir depois os ladridos dos cães acorrentados?

O film, na Europa, industrialmente fallando, falliu. E falliu industrialmente porque já havia fallido artisticamente, por inepcia dequelles a quem estava entregue a cinematographia. A França e a Italia continuam a produzir "obras-primas", uma por semana, para exportação.

A Inglaterra faz ensaios, não se dá a trabalhos e despezas, e contenta-se com os films importados da Norte-America. E somente a Allemanha, chamando artistas e pessoal americano dispoe-se; valentemente, a reagir contra o marasmo em que cahiu a cinematographia na Europa.

Assim, não é de admirar que os films francezes e italianos sejam repellidos pelas proprias platéas da França e Italia, da mesma forma com que são aqui repellidos. A sorte dessa produção nos cinemas francezes e italianos é idêntica á que tem tido aqui. Os cinemas que a exhibem ficam ás moscas e veem-se forçados a escolher uma das duas vias: films nacionaes, que levam á ruina; ou films americanos, que fazem as casas cheias e o dinheiro na caixa. "Patriotismo não mata a fome" pensam, e muito bem, os donos de cinemas do Brasil, da Italia e da Indo-China.

Auxiliados, alem de tudo, por uma propaganda muito bem feita, cousa de que só os americanos são capazes, os films yankes não temem a concorrência, em parte alguma. E Mussolini, o dono actual da Italia, via-se forçado a baixar uma ordem paternal de protecção á produção italiana, de que nos dão noticia as revistas cine-

matographicas, e, segundo a qual os cinemas italianos são obrigados a exhibir, pelo menos um film nacional por semana...

Só mesmo por decreto!...

M.

+++++

Uma ex-esposa de Rodolpho Valentino, chamada Jean Acker, acaba de ser contractada por Cecil B. de Mille.

"Hogan's Alley" é o titulo de um film em que vão figurar Monte Blue e Patsy Ruth Miller nos principaes papeis.

A fabrica nacional Joe Film está preparando uma nova produção que tomará o nome de "Destino".

ELIXIR DE NOGUEIRA Sobrepuja os similares!



Não hesito em recommendal-o aos que soffrem, porque o considero um preparado que sobrepuja todos os similares, constituindo uma especialidade pharmaceutica a que a sciencia medica deu o seu beneplacito.

Pelotas, 5 de Novembro de 1912.

Dr. Luiz Catão dos Santos Silva

A F. B. O. acaba de lançar ao mercado uma edição feminina de "Robin Hood".



"Lady Robin Hood" é o título do film, e Evelyn Brent tem o papel mais importante, que se destina, parece a fazer figa a Douglas Fairbanks.

Ben Turpin, o mais adoravel dos caôlhos que o céu cobre, vae figurar em importante papel do film "Hogan's Alley" da Warner Brothers.

"Invisible Wounds" é o título da proxima produção em que Blanche Sweet e Ben Lyon trabalham juntos.

Norma Talmadge e Ronald Colman serão os principaes interpretes do film "Paris After Dark".

Belle Bennett figurou em "Stella Dallis" da First National.

Lewis Stone vae trabalhar ao lado de Barbara La Marr na produção da First National "Spanish Sunlight".

"Lights of Old Broadway" é o título provisório, que provavelmente se tornará definitivo, de uma produção que está preparando a Metro-Goldwin. A filha de Francis Xavier Bushman, Virginia, que foi recentemente contractada por aquella empresa, fará o seu primeiro trabalho neste film.

Foi prohibida na Argentina, a exhibição de um film nacional da Helios, de São Paulo, cujo assumpto era a rebelião das forças armadas naquella cidade. Dizem que no mesmo film figura a esposa de um dos chefes do movimento sedicioso.

Gloria Swanson, que é hoje uma das maiores estrellas da Paramount, começou a sua carreira cinematographica em papeis sem importancia na Essanay.

William De Mille convidou Bebe Daniels para interpretar o principal papel feminino do seu proximo film "Polly of the Ballet".

Joe Siskoene está dirigindo o film "Destino" da Joe Film Corporation.

Reginald Demy, Marion Nixon, Lilyan William Carrol, Lionel Braham, Edwards Kintashman, Margaret Livingston, Neely Edwards, ball, Hayden Stevenson, Martha Mattox, Helen Greene, Cissy Fitzgerald e outros compuzeram o elenco do film "I'll show You The Toron", da Universal, que Harry Pollard dirigiu.

Betty Bronson, depois do seu trabalho em "Peter Pan", que agradou bastante aos entendidos, espera ser elevada á categoria de estrella da Paramount.

Frances Howard foi o "leading-woman" de Richard Dix no film da Paramount "Too Many Kisses".

"I want my Man" da First National terá como interprete do principal papel masculino a Milton Sills.

A Astor vae distribuir o film "A Lover's Oath", cujos papeis mais importantes são desempenhados por Ramon Navarro e Kathleen Ky.

A Truart vae distribuir os dois ultimos films em que Ruth Roland, que abandonou definitivamente as séries, parte. Intitulam-se essas produções "Where the worst begins" e "Dollar Down".

Clinica Medico Cirurgica de Doenças dos
Colons, Rectum e Anus

Tratamento especial indolor das

HEMORRHOIDAS
SEM OPERAÇÃO

DR. RAUL PITANGA DOS SANTOS

Da Faculdade de Medicina

Rua do Passeio, 56-Sob.

Cons. de 1 às 4 horas

(DR. PAPAFITA)

A PERNAMBUCANA

OFFICINAS GRAPHICAS

EXECUTA COM PERFEIÇÃO E NITIDEZ IMPRESSÕES DE
ALBUNS, REVISTAS E TODO E QUALQUER TRABALHO
CONCERNENTE A'S ARTES GRAPHICAS
ESPECIALIDADE EM IMPRESSÕES DE CHROMOS,
TRICHROMIAS, ETC., ETC.

HERMES POTTES

Rua Paulo Frontin, 103
(ESPLANADA DO SENADO)

Telephone CENTRAL 2795 — RIO DE JANEIRO

CASA BRAZ LAURIA

Rua Gonçalves Dias, 78 — RIO — Teleph. N. 1968

Amor e Casamento, por Vieira Filho	5\$000
Sonhos de Virgens, Romance de H. Ardel.....	4\$000
Entre o amor e a ternura, Romance de J. Ohnet..	6\$000
Elzira a morta virgem.....	1\$500
Marianela, Romance de Perez Galdós.....	2\$000
Figuras de Prôa, Interessantissimos contos de Gastão Penalva.....	3\$000
O mal Metaphysico, Romance.....	4\$000
O Secretario do Povo, O mais moderno e o mais completo.....	4\$000
Cousas da vida, Lindos contos de I. Ribeiro.....	4\$000
O Snr. Ministro, de Emilio Zola.....	3\$500

Pelo correio, mais 500 reis por volume para o registro

O BURRO POR JOÃO JORIO



Entre as figuras elegantes da sociedade carioca, tem um destaque assinalado, pelas suas maneiras, pelas suas roupas e pelos seus olhos, o Dr. Flavio Walsh, advogado sem clientes, sem emprego e sem espirito, mas, em compensação, um dos

homens mais pesseguidos pelas mulheres. Dono de uns olhos tristes, de uma esposa alegre, de uma carteira cheia e uma cabeça vazia, o joven capitalista nacional atravessa a vida entre dois sorrisos, um com que desperta e outro com que dorme — os quaes se multiplicam durante o dia, em outros sorrisos meudos, ligeiros, inexpressivos, de que elle não sabe, elle proprio, a significação.

Adorado, embora, pelas meninas futeis, levianas, superficiaes, soffre o Dr. Flavio a hostilidade permanente das mulheres de espirito, as quaes não lhe perdão a concorrência que elle lhes faz perante os homens, com os seus olhos humidos, o seu sorriso permanente, e, sobretudo, com a delicadeza feminina das suas maneiras. E se ha, entre ellas, uma que, realmente, o desteste, essa é Mme. Cordeiro Gonzaga, espirito incomparavel pela graça e pela malicia, e que o destino collocou, por um capricho, uma destas noites, diante do joven capitalista, na sala de palestra da senhora Viscondessa de Santa Julia.

Exgottados os assumptos mundanos que cada um leva, geralmente, para as reuniões elegantes, cahiu a palestra de repente em um motivo banal:

a descoberta, noticiada pelos tele-

grammas, de um esqueleto em uma caixa forte, em Trieste, parecendo tratar-se de alguém que ali se houvesse escondido durante a invasão italiana, e que não tivesse podido, depois, abrir o cofre por dentro.

— Que horror! — exclamou nervosa uma das senhoras cobrindo os olhos com as mãos.

— Pois olhe, é um caso bem vulgar! — atalhou, rapido, o Dr. Mendes Lima, indreitando-se na cadeira.

Os episodios semelhantes eram narrados, um a um, pelas pessoas da roda, quando o Dr. Flavio entrou na palestra:

— Eu proprio já fui victima de um caso d'esses! — começou, virando os olhos.

— O senhor? — exclamaram todos, voltando-se.

E o moço explicou, perturbado:

— Sim. Foi no tempo do papae, ainda. Eu tinha ido, uma tarde, ao escriptorio d'elle, e, vendo o cofre aberto, entrei, e puxei a porta. Quando quiz sahir, não pude. E fiquei, assim, dentro da "burra".

— Dentro da "burra"? — espantaram-se alguns, boquiabertos.

E uma das senhoras, interessada:

— E quanto tempo o senhor permaneceu assim?

O capitalista ia responder, mas Mme. Cordeiro Gonzaga já o havia precedido, informando, alto:

— Nove mezes; não foi, doutor?

Não obstante as "burras" não terem filhos de nove mezes, mas de

onze, o doutor "zurrou", com a pilheria.



JOÃO JORIO



© Comunique-se ao
Governo do Brasil
a ditadura Revolucionária de
muito do povo, o T. de Lido!



PARA DÔRES
RHEUMATICAS
CONSTIPAÇÕES
DÔRES NO PEITO E NAS COSTAS
eu e minha familia
sempre usamos

**EMPLASTRO
PHENIX**

OPTIMO NOS RESULTADOS

MARCA



REGISTR.



"SELECT"
ET
"BALADE"

DUAS LINDAS CREAÇÕES PARISIENSES
EXPOSTAS NOS SALÕES DA

NOTRE DAME DE PARIS

182, OUVIDOR

O MODO

Director • Conselheiro • XX

ANNO IV == N. 192

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1925

O CARRAPATO

Mettidinhos no seu pyjama de setineta azul, brincam no jardim, em torno á casa, Lulú e Zezé. Ergueram-se da cama para saudar o nascimento do sol, e o astro perdulario já vae alto, espalhando ouro liquido com as rodas faiscantes do seu carro, sem que elles se apercebiam daquella maravilha celeste. O primeiro tem quatro annos, é moreno como um jambo e tem olhos azues como o céu. O segundo tem tres, apenas, e differe do irmão unicamente no tamanho, e na côr dos olhos, que são verdes como o oceano.

De cócoras, junto ao passeio de cimento que circumda o palacete amontôam pedras e gravetos arrancados aos canteiros estrellados de rosas, quando o menorzinho, curvando-se descobre, no chão, um insectozinho insignificante, que se mexe lentamente, com todas as pernas. E' um animalzinho raiado de branco e preto, do tamanho de um grão de milho, que se move, parando aqui, recuando ali, como se desconhecesse o terreno.

— Olha, mano, que bonitinho! — gritou o pirralho, encantado.

O outro accorreu, curioso, e, como o bichinho houvesse estacado, recolhendo todas as pernas á sua conchinha raiada, Lulú comparou, logo:

— Parece uma almofadinha, daquellas bordadas, do salão... Não parece?

Nesse momento, chega á janella Dona Eleonora e, ante a curiosidade dos filhos, ordenou, horripilada:

— Saíam dahi; andem! Com isso não se brinca. Isso é um carrapato!

A essa voz, os pequenos distanciaram-se, e, com a sugestão daquelle nome, lembraram-se de uma phrase do pae, que dissera, uma vez, que a mulher só não casava com carrapato por não saber qual era o "macho". E o mais moço aventurou.

— Isso, então, é que é carrapato?

— E', sim, — confirmou o maior.

— E por que é que elle se chama assim?

— E' porque parece uma almofadinha.

— E por que é que elle parece "almofadinha"? — tornou o pequenito, incontentavel.

Lulú arregalou os grandes olhos, muito azues, muito limpidos, e, sem se atrapalhar, respondeu, logo:

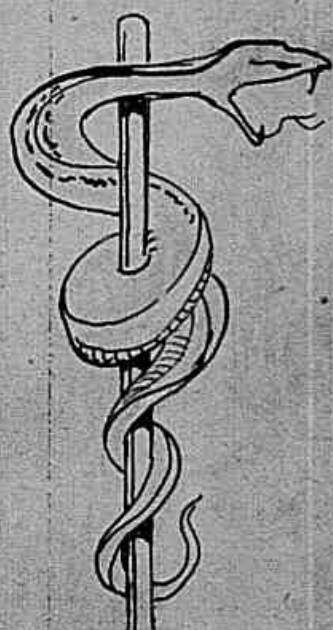
— Ora, quem não sabe? E' porque não se sabe qual é o "macho"!

E continuaram, muito sérios, muito graves, a amontoar pedrinhas no chão.

CONSELHEIRO X. X.



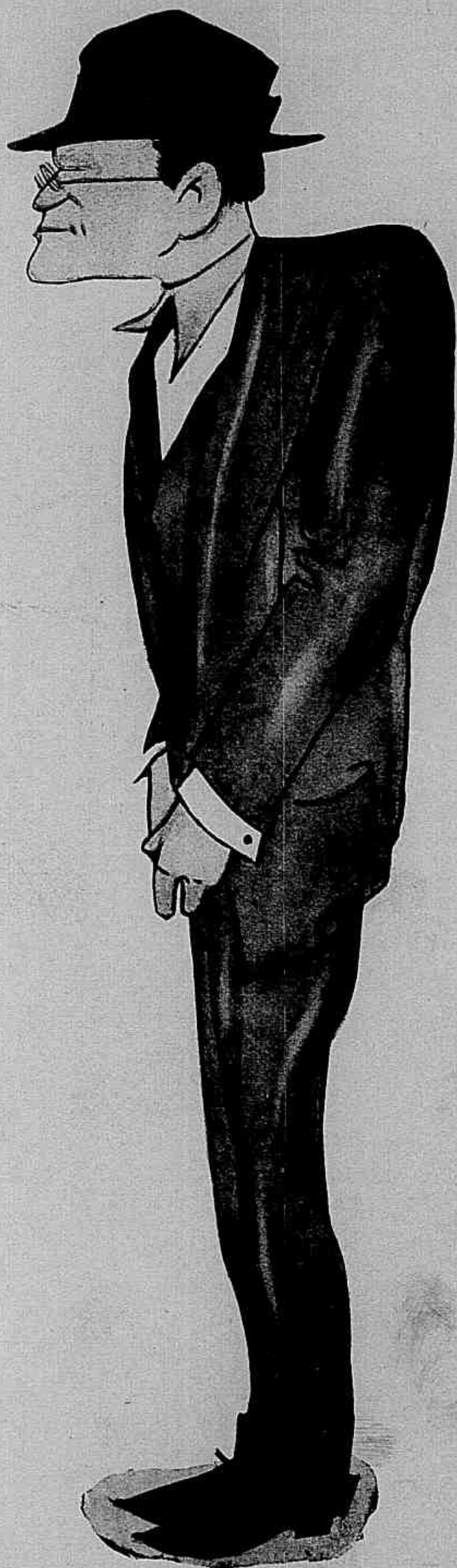
Nas gravuras acima foram fixados diversos aspectos da festa realizada na Quinta da Boa Vista, em benefício da Casa dos Artistas — festa que foi o grande acontecimento alegre de toda a semana.



Ao alto, aspecto da Praça Mauá por ocasião do desembarque do Prof. Aloysio de Castro, de regresso da Europa, vendo-se no medalhão, cercado de estudantes da Universidade do Rio de Janeiro, o illustre viajante. Ao centro, a mesa que presidiu no Theatro São Pedro a sessão em homenagem ao notável homem de sciencia. Em baixo, os universitarios que receberam festivamente o mestre querido.

FIGURAS PROMISSORIAS

(HOMENS DE LETRAS)



MARIO BARRETO

Um "sujeito" que procura brilho "p'r'o nome"

FIGURAS PROMISSORIAS

MARIO BARRETO

Os primeiros grammaticos que o Brasil possuiu, foram, todos, sujeitos ferrenhos, intratáveis, e intransigentes em materia de classicismo. Não eram cidadãos brasileiros, trabalhando pela maior emancipação da patria: eram capitães-mores de Portugal, encarregados de conservar a colonia literaria presa á antiga metropole, impedindo todo e qualquer surto por conta propria. A's vezes, um brasileiro tentava ante-pôr um pronome ou tornar longa uma palavra breve. E o grammatico sahia ao seu encontro:

— Já! Ponha ahi o pronome á direita do verbo!

Ou:

— Dobre a consoante... Vamos!

Debalde o patriota protestava:

— Mas, no Brasil não é assim que se escreve a frase?

Ou, então:

— Não é assim que toda a gente, entre nós, pronuncia o vocabulo?

O grammatico era, porém, poderoso:

— Eu não tenho nada com isso. O povo é ignorante. Os nossos guias devem ser o Herculano, o Camillo, o Garrett, o Vieira e o Camões!

A multidão brasileira não queria saber, entretanto, nem do Camões, nem do Herculano, nem de qualquer outro varão de além-mar: falava como entendia, e os homens de letras, os jornalistas, se queriam ter publico, tinham de acompanhá-la no movimento de emancipação.

Essa attitude apavorou as Côrtes de Lisboa, como nos tempos de D. João VI e Pedro I. Resolvidos a manter o Brasil seguro pela lingua, os philologos de Portugal atravessaram o oceano, e vieram fixar, aqui mesmo, nas columnas dos nossos jornaes, as suas colonias de catechese. O sr. Candido de Figueiredo, o sr. Gonçalves Viana, e outros varões que taes, empacotaram as suas regrinhas grammaticas, e puzeram, sobre cada pacote, uma etiqueta, com estes dizeres: "O que se não deve dizer", "O que é correcto", "Como se deve escrever"; e como quem rotula pacotes de veneno: "Extrangeirismos!" "Barbarismos!" e outros semelhantes.

Esse esforço pela subjeição do Brasil á grammatica de Portugal determinou, naturalmente, a reacção. Philologos appareceram aqui: outros augmentaram as fileiras de lá. E foi no tumulto d'esses combates que surgiu, no Brasil, a figura de Mario Barreto.

Espirito equilibrado, não era, em absoluto, um revolucionario. Não trabalhava contra Portugal, como Tiradentes, nem a favor, como Joaquim Silverio. Era, antes, o espirito ponderado, calmo, sensato, o José Bonifacio d'aquella campanha emancipadora. Ao encontrá-lo na peleja, os "classicistas", ou antes, os "portuguesistas", gritaram:

— Fóra o "brasileiro"! Fóra o corruptor da lingua!

E os "patriotas":

— Fóra o gallego! Fóra o traidor á patria!

Mario Barreto guardou, porém, a linha de distincção que se traçara. Escriptor claro, elegante, procurando dar á palavra a elasticidade reclamada pela idéa, a sua attitude conquistou, logo, sympathias.

— Senhores, — explicava elle, — eu não sou intolerante; o que eu desejo é que todos entrem em accôrdo, fazendo concessões.

— Mas, o senhor é, ou não é, pelas consoantes dobradas? — gritavam uns e outros.

— Eu sou, e não sou.

E explicava:

— Sou pelas consoantes dobradas, porque escrevo "Barreto" com dois "r r", E não o sou, porque escrevo esse mesmo nome com um "t" só!

O seu nome, como elle o graphava, era, realmente, todo um programma de tolerancia e de paz. E com elle tem vindo pela vida, satisfazendo a portuguezes e brasileiros, que o consideram, uns e outros, soldado do seu grupo.

Pessoalmente, não ha, tambem, philologo mais insinuante. A sua figura é a do grammatico tradicional: destratado, esquecido de si mesmo, em conflicto com a arte de bem vestir. Não tem, porém, o descaso gravebundo dos velhos mestres, mas o relaxamento jovial do bohemio. Põe ás costas um terno de casemira em janeiro, e, se o manda lavar, para que não dê formiga, não manda passal-o a ferro, para tornar-se mais elegante. A elegancia, para elle, deve estar na frase, que pôde ser eterna, e não na pessoa de quem a escreve, que é passageira.

Membro da Academia das Sciencias de Lisboa, Mario Barreto não o é, comtudo, da Academia Brasileira. Candidato uma vez, não foi eleito, ou retirou a sua candidatura. E isso prova as sympathias de que dispõe em Portugal, onde o seu nome é citado como o de uma das maiores autoridades no conhecimento do idioma.

E, no entanto, a Academia Brasileira tem necessidade d'elle, no seu seio. Silva Ramos, João Ribeiro, Carlos de Laet, os grammaticos da casa, em summa, sentem a falta, alli, d'esse companheiro excellente. Os elegantes, os "dandys", os que alli se acham pelo aprumo, pelas virtudes mundanas da figura, mostram-se, entretanto, horrorisados.

— O Mario Barreto? Oh! não! — declaram. — Um homem que, quando falla, polvilha a gente de perdigotos? Um homem que gasta o seu dinheiro todo com livros, e não tem coragem de gastar duzentos mil réis com uma dentadura?

Effectivamente, essa lacuna prejudicaria o discurso do philologo.

— Por que elle não trata dos dentes? — observam, de facto, alguns "immortaes".

Mas Silva Ramos é amigo. E desculpa, logo:

— Ora, por que?!... E' porque elle, como philologo, acha que, mais do que o dente, vale a lingua!

E é isso mesmo. Até nisso, Mario Barreto é coherente...

CARO LINO MICA ELLIS

OS DENTISTAS PELO

Uma das profissões mais disputadas no Rio é a de dentista. Não obstante o martyrio de Tiradentes, que apavorou por meio século os dentistas do Brasil e da Corte, ha familias, hoje, cuja maior ambição é possuir um filho formado em odontologia. O privilegio, que têm esses profissionaes, de pegar no rosto das moças bonitas, paga-lhes, de sobra, a tortura com

CONVICÇÕES HEREDITARIAS



ELLE — Mas, tu não vês que nos bancos de traz faz muita poeira?!...

ELLA — Não faz mal. Minha mãe diz que o lugar que o meu pae prefere é atraz.

que remexem na bocca dos homens, das velhas e das senhoras horripilantes. E dahi a anciedade com que os estudantes dessa especialidade fazem o curso, que é conquistado em dois annos e sel-o-á, em breve, em dois mezes.

No Rio de Janeiro, ha, actualmente, duas classes de dentistas: os da cidade, com os seus consultorios elegantes, e os do suburbio ou das ruas afastadas, que disfarçam a sua situação

ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

precaria dizendo-se profissionaes na Avenida e ruas circumjacentes, mas trabalhando algumas horas em casa, para poderem attender á clientela do bairro. A verdade é, porém, que elles só dispõem desse consultorio domestico, improvisado com uma cadeira adquirida em leilão e dois ou tres ferros indispensaveis, com os quaes, entretanto, realizam coisas prodigiosas.

O "consultorio" de meu bairro é um modelo entre as instituições desse genero. O Dr. Fernando Gomes, o dentista, gaba-se de ter posto dentadura nas senhoras mais elegantes do Rio. Os dentes que mastigam os grandes banquetes politicos, ou se defrontam através de dois labios illustres, sahiram, todos, da sua officina. O "pivot" com que o Dr. Epitacio mastigou os jantares dos monarchas europeus, passou diversas vezes pela sua mão. As "corôas" de ouro do senador Lopes Gonçalves são uma obra prima da sua capacidade odontologica. E assim por deante, em caninos, em molares, em dentes da frente e em dentes de traz.

Animado por essas informações lisonjeiras, eu resolvi levar ao Dr. Gomes, como cliente, uma senhora da minha vizinhança, que podia vir á cidade. O conceituado profissional, attencioso, recebeu-nos entre mentiras, collocando logo a sua linda cliente em uma tripeça de papagaio, a que elle dava pomposamente, o nome de cadeira. E, solícito, sorridente, limpando a testa com a manga do paletot, correu a buscar os "ferros", acondicionados tumultuosamente em uma caixa de sapatos. Faltava, porém, um delles, e o Dr. Gomes gritou para o interior da casa:

— José, onde está o boticão?

Um pequeno de oito annos, sujo e descalço, appareceu á porta da sala e denunciou:

— Papae, foi o Antonio; elle tirou o boticão para arrancar o prego da gaiola e deixou lá no quintal, debaixo da goiabeira!

O dentista, prevendo o escandalo da denuncia, abandonou o queixo da senhora, e correu atraz do pequeno, vociferando. E já estava reintegrado nas suas funções, seringando o dente da minha vizinha, quando appareceu é mesma porta, desgrehada e sem sapatos, uma pequenita de uns dez annos, e pediu:

— Papae, mamãe mandou dizer se já acabou com a seringa, pr'a mandar, que ella quer dar a "lavagem" no Luiz.

Hontem, á tarde, a minha gentil compaheira já havia posto fóra o almoço, o jantar da vespera, e até o proprio estomago. A' noite, com os engulhos, faltava-lhe deitar, apenas, a metade do figado e um pedaço do coração.

ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

HUMORISTAS FRANCEZES

EQUIVOCO POR J. S. MARCHAND

(Trad. d'"A MAÇA")

E' uma historia difficil de contar. Seria, entretanto, lamentavel deixal-a sem divulgação, pois que é interessante e, sobretudo, rigorosamente verdadeira. Experimentemos.

Havia em Paris um joven casal que perguntava a si mesmo onde passar a lua de mel. Procurou-se isso durante algum tempo. O marido possuia interesses na Republica Argentina. E isso foi pretexto para que fizessem a viagem de nupcias ao paiz do tango. Amor e negocios.

Antes de partir, os noivos resolveram gozar intensamente a vida de Paris, e foram a todos os theatros alegres. Uma peça, sobretudo, os divertiu muito, pela escabrosidade do assumpto. Intitulava-se "T'as donc perdu ton mamillon..." O "mamillon" era o que bem se imagina, e que os autores não podiam designar mais positivamente.

Ah! como isso fez rir a joven recém-casada, e como o vocabulo fez successo na intimidade!... Mas os dias passaram depressa. E eis os casadinhos a bordo, de viagem para a Argentina.

Como é de imaginar, o casal tomou uma cabine de luxo, com dois leitos, um desses aposentos de boneca, onde a gente se accomoda bem, ou mal, conforme a idade e a companhia.

E ama-se... ama-se... ama-se...

No mesmo transatlantico viajava, porém, o conde de Rocheville, o illustre mundano, tão conhecido nos campos de corrida. O acaso havia-lhe dado uma cabine contigua, exactamente, áquella dos recém-casados. Elle sabia disso unicamente pelo que ouvia. Que temperamento tinha ella!...

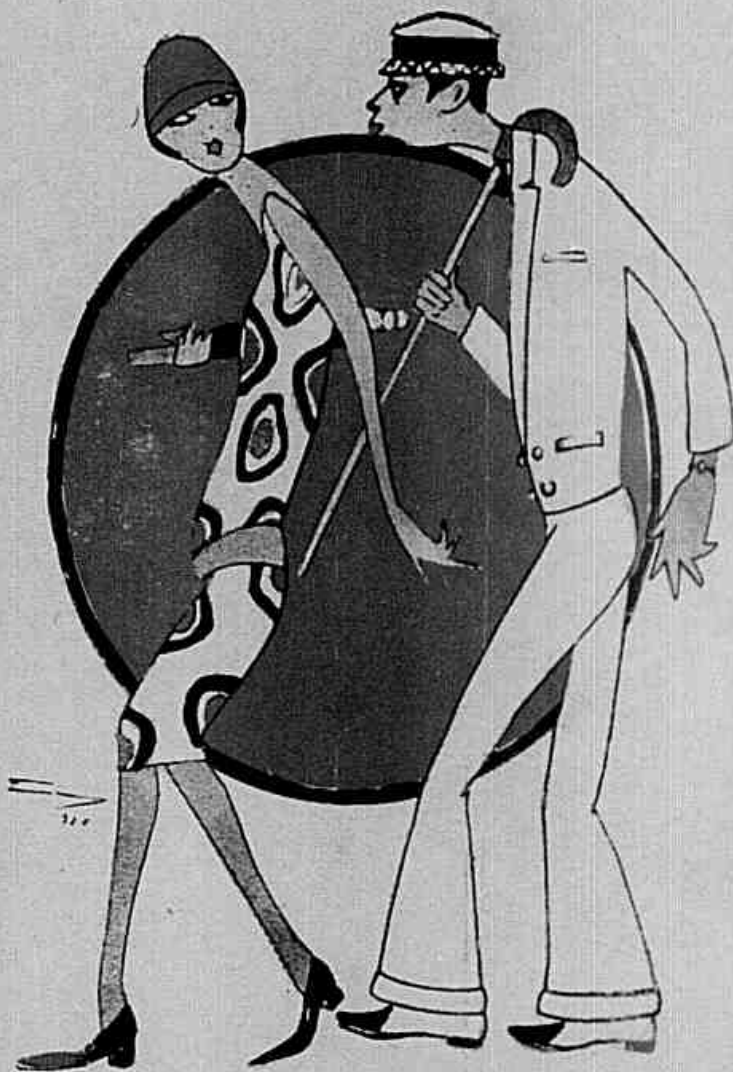
Approxima-se o Equador. Chegam os calores suffocantes da zona torrida. De accôrdo com o costume, passa-se a dormir com as portas das cabines abertas, veladas, apenas, por leves reposteiros.

Certa manhã, estava o conde na sua cabine transformada em estufa, procedendo á sua "toilette". Viajando só, o fidalgo, por maior commodidade, havia se deixado ficar em pêlo, e, nessa "toilette", puzera-se deante do espelho, a fazer a barba. De pincel na mão, ensaboara o rosto todo, quasi até o canto dos olhos.

Aqui, começa o drama. No oval do espelho, apparece, de subito, a figura encantadora da vizinha. Não havia duvida possivel: a moça se enganara de porta, ou antes, de reposteiro. O conde, como estava, deixou-se ficar. Voltar-se, seria um desastre. O melhor era, pois, não se mexer, fingindo não dar pela coisa: a dama se aperceberia do seu erro, e, com certeza, fugiria.

A rapariga persiste, porém, no seu engano. Nada, ademais, se parece tanto com um homem nu como outro homem nú, principalmente quando elle está de costas, e com a cara coberta de sabão. A linda vizinha approxima-se, assim, sorridente, pé ante pé, pois imagina que ainda não deram pela sua presença, e, mali-

EXPRESSÕES CONSAGRADAS



— Vem cá, morena; Vamos viver maritalmente!
— Até que horas?

ciosa, avança, indiscreta, uma das mãos, que se insinúa audaciosamente, visando o objectivo. E numa exclamação alegre:

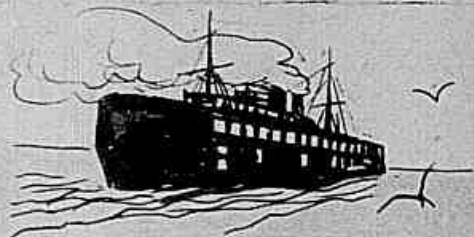
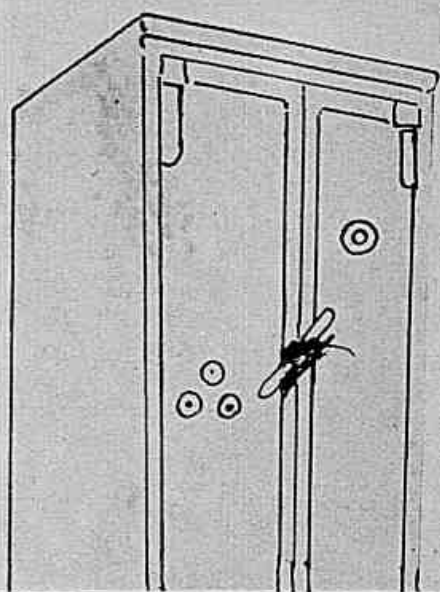
— De quem é esse "mamillon-sinho"?...

Então, o conde virou-se. E numa voz offendida:

— E' meu, madame!

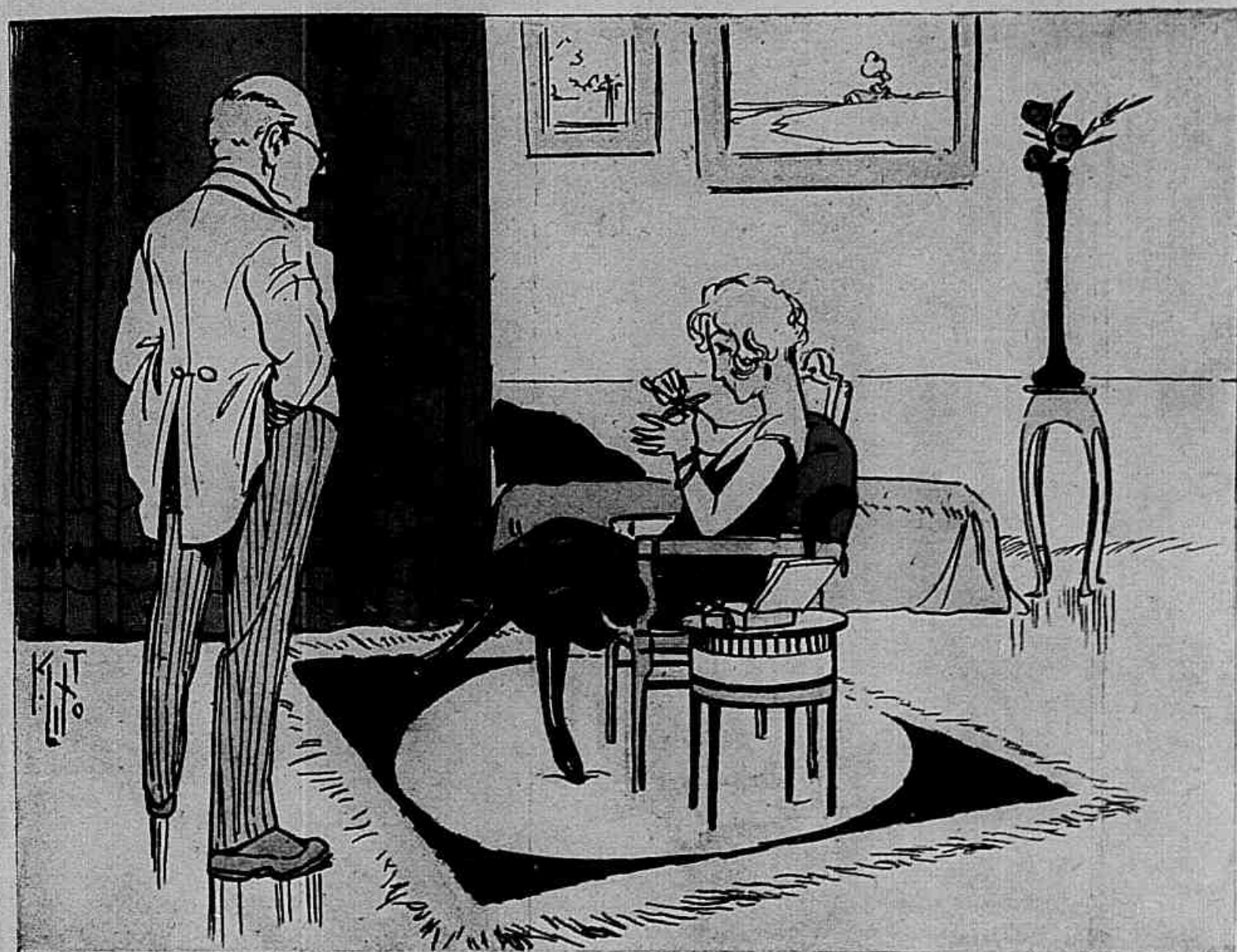
Catastrophe. E como as catastrophes terminam brutalmente, nós faremos descer o panno sobre esta.

J. S. MARCHAND



1 e 2 — Aspectos da festa do café, na Escola Mitre. 3 — Embarque da declamadora Berta Singermann, para os Estados do Norte. 4 — Almoço no Jockey Club, em homenagem aos foot-ballers cariocas que venceram o campeonato de 1923

CONTENTAVEL



ELBA—Não podes dizer que sou exigente. Quero apenas que me trates como me tratam todos os da tua idade.

HUMORISTAS

DO NORTE

Eviterno Amor por LUCIO TABAJARA

Eis-me, emfim, aos teus lindos pés vencido.
Não houve resistir. Tentei bastante
fugir ao teu aceno fascinante,
mas tudo em vão. Confesso-me rendido.

Já não tenho vontade. Hoje por diante
terás em mim um servo decidido.
Victima imbelles de algum deus Cupido,
desejo apenas o teu corpo ondeante.



Podem ferir-me as tuas mãos de fada.
Seja-me embora, a vida amargurada,
Serei a sombra que o teu vulto espraia.

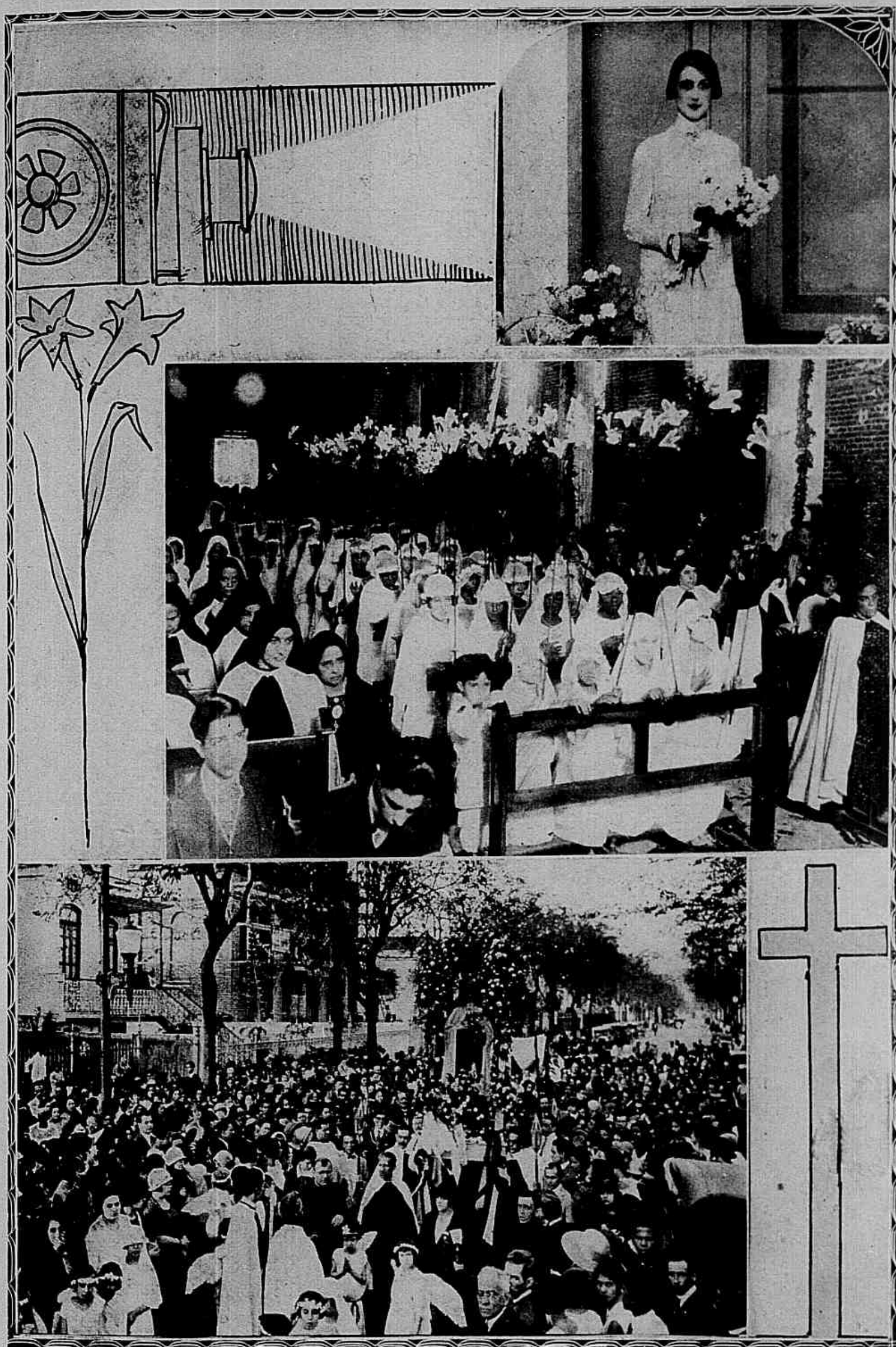
E si amanhã partires, como dizes,
atravessarei mares e paizes
agarrado no cós da tua saia!

LUCIO

TABAJARA

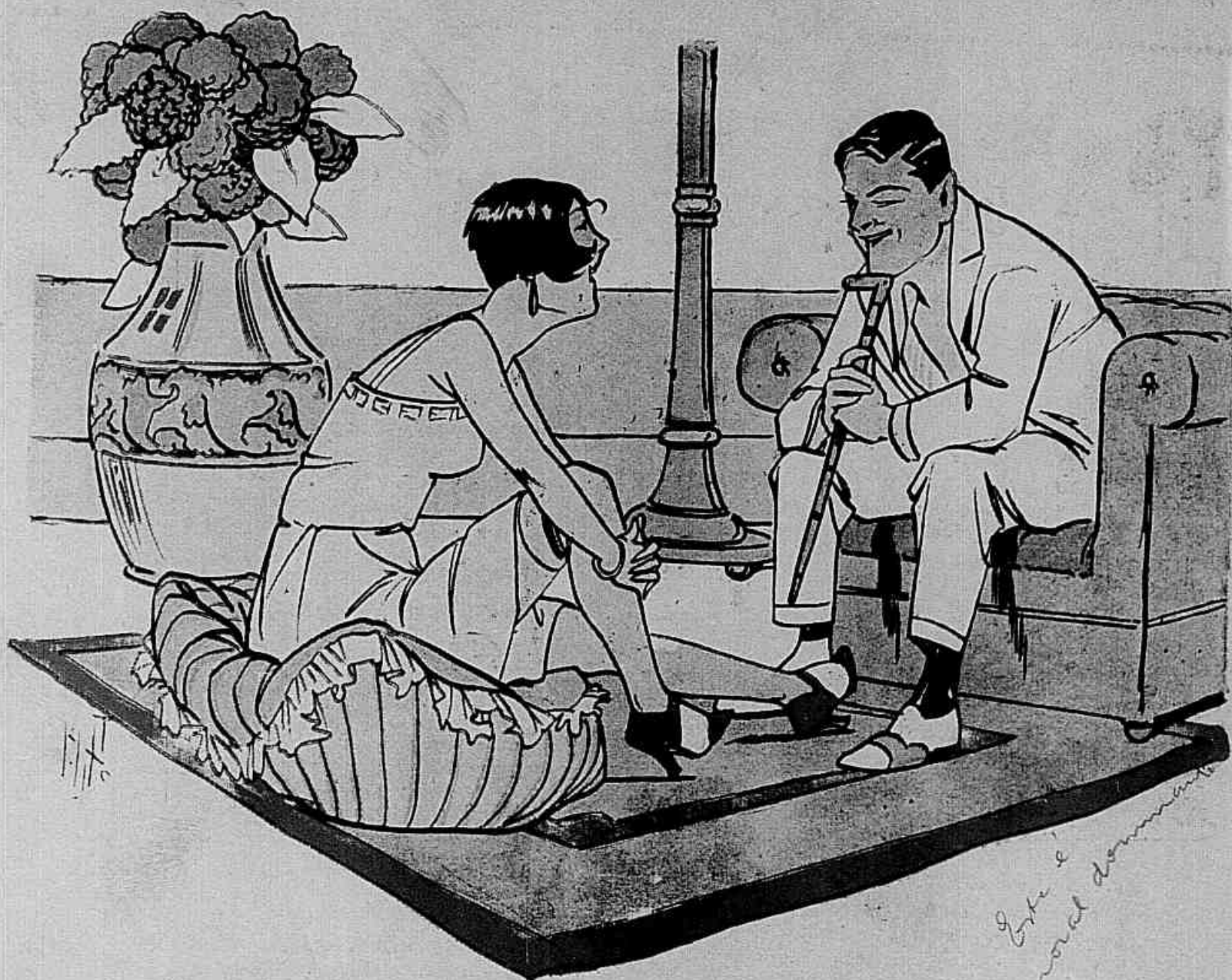


No Stadium do Fluminense, terminaram no domingo as provas do Campeonato Carioca de Athletismo de 1925, nas quaes alcançaram optimas collocações, o Fluminense, o Flamengo, o America, o São Christovão e o Vasco.



Ao alto, senhora Maria Emilia Castello Branco, que realizou no dia 3 uma conferencia sobre o cinema, no Instituto Nacional de Musica. Ao centro, bençam da Capella de Therezinha do Menino Jesus. Em baixo, Procissão de Therezinha do Menino Jesus, cujo culto dia a dia se accentua no Brasil inteiro.

EXTRAVAGANCIAS...



- Tu não imaginas, Mercedes, como eu gosto de beijar os filhos dos outros !
 — Por que, então, não casas commigo ?

PAGINAS ESQUECIDAS
 (1909)

VILLANCETE DE MARTINS FONTES

Realizou-se hontem, em Santa Thereza, nos jardins do Palacio Murtinho, residencia de uma Fada Carioca, o baptisado de uma rosa maravilhosa, que recebeu o nome de: — Rose-Rose-Satin-Cuisse-de-Jeune-Fille.

(Nota do «Jornal do Commercio», de 10 de Dezembro).

Era uma flor côr de rosa
 Como a cutis brasileira
 De uma menina solteira.

VOLTAS

Não tem a flor da paineira
 A maciez setinosa,
 O rosicler de mucosa
 Desta rosa menineira,
 De tal modo côr de rosa



E perfumada, que cheira
 A rapariga solteira.

Nem o morango do seio,
 Na sua fôrma viçosa,
 Que lembra uma flor no meio
 De uma fructa saborosa,
 Tem tão claro côr de rosa,
 Como o que ha, sobremaneira,
 Nessa rosa brasileira.

No trovar de Martim Moxa
 Fechando a volta da gloza,
 Vou pintar o cor de rosa
 Dessa flor de seda frouxa,
 Que é côr de setim de coxa
 De morena brasileira,
 Menina e moça e solteira.

MARTINS FONTES



Uma como muitas... POR CARLOS CRUZ

I

Carolina, a galante irrequieta
Do bairro encantador das Laranjeiras,
Teve um dia, entre muitas frioleiras,
A ideia aziaga de arranjar um poeta.

E' que, cansada de correr a vida,
Farta de loucas sensações febris,
Intitulava-se a "incompreendida",
E, como tal, coitada, era infeliz.

O sport, a dança, tanta coisa bella,
Passeios ao Leblon, ao Corcovado,
Tudo enfim lhe era negro e carregado
Como um céu carrancudo de procella.

Se alguém, com pena do seu tédio chronico,
Vinha a causa indagar de tantos ais,
Volvia a triste com um sorriso ironico:
Sou uma "incompreendida"... nada mais...

Andava triste. Não se alimentava;
E a mãe (coitada! que velhinha santa!)
Ao vel-a immersa em nostalgia tanta,
Por seu turno também se desmedrava.

II

Um dia emtanto, indo a missa á Gloria,
Encontrou por acaso o seu "ideal".
Era um moço magrinho e de irrisoria
Cabelleira de aneis, descommunal!

Tinha attitudes tragicas, sombrias,
E com gestos subtis, olhos profundos,
Passeava triste, architectando mundos,
Junto á estatua do Duque de Caxias.

Viram-se. Amaram-se. E, desilludidos
Ao cabo de tres mezes de illusão,
Com phrases de ira e angelicaes gemidos,
Separaram-se. Coisas que lá vão...

III

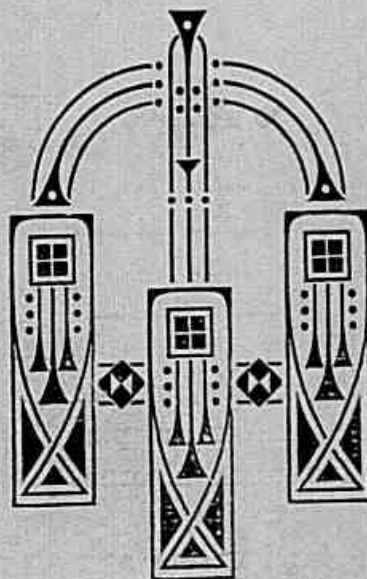
E a pobre Carolina, a linda rosa
Do bairro encantador das Laranjeiras,
— Olhos covados por fataes olheiras,
Retornou á tristeza suspirosa.

Se alguém com pena desse tédio chronico
Indagava a razão de tantos ais,
Volvia a triste com um sorriso ironico:
Sou uma "incompreendida"... nada mais...

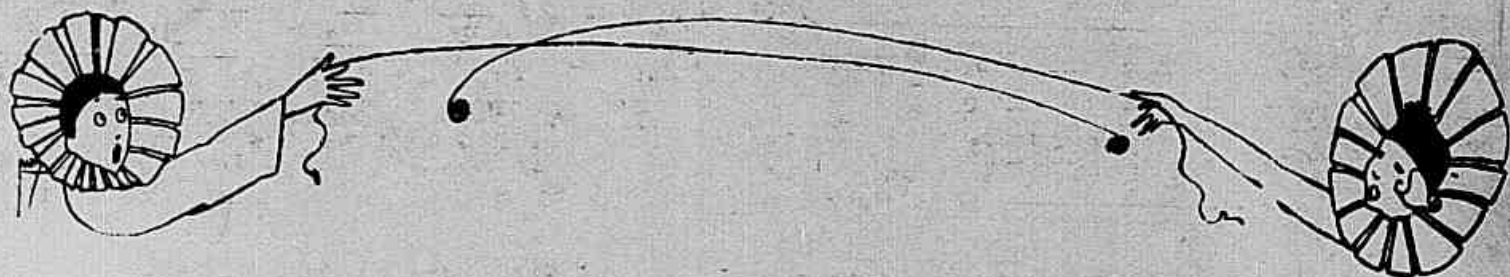
IV

São passados quatro annos. Carolina
Cada vez mais chimerica e tristonha,
— Alma amorosa e atormentada — sonha
O "ideal" que a entende e que a fará divina.

E, assim, coitada, vae vivendo a vida
Arrebatada pelo que não vê...
E sempre triste, sempre incompreendida,
Já está no seu trigesimo Musset.



CARLOS CRUZ



Um verdadeiro achado por ALPHONSE ALLAIS

De repente, aquelle homensinho bojudo e baixo que não havia aberto a bocca desde que ha uma hora, se sentara deante de mim, proseguiu assim, em voz alta, a sua "historia", começada, sem duvida, interiormente:

— O senhor comprehendeu que aquillo não podia durar muito tempo.

E como elle me olhasse fixamente, eu achei que era da mais elemental cortesia simular interesse.

— Evidentemente que não; aquillo não podia durar muito tempo, — confirmei, com solicitude.

— Ah, não! mil vezes não! E no meu logar o senhor teria feito o mesmo.

— Não sei... — aventurei, por perversidade, e para forçar o meu interlocutor a confidencias mais positivas.

— O senhor teria agido — insistiu o homensinho gorducho — como entenderia que devia agir; e eu agi como achei que devia agir. E a prova de que assim é que eu devia mesmo ter agido, é que não me arrependo absolutamente do que fiz, tanto sob o ponto de vista physico, como sob o ponto de vista moral... Eu hoje sou um homem baixo, mas gordo; não é verdade? Pois bem: ha um anno eu era baixo, e secco como uma agulha.

— E para o moral, não tem uma comparação?

Minh'alma, o anno passado, era de uma delicadeza de apanhar com a pinça... Hoje, pode-se pôl-a numa bigorna, e malhar em cima.

— Então, o senhor fez bem em agir como agiu.

— E eu me sinto feliz por me ver applaudido por um homem de espirito como o senhor.

Ante essa observação desvanecedora, mas tão justa, eu me convenci de que o homensinho bojudo estava ao corrente do valor da minha individualidade. Ligeiro engano, depressa reconhecido.

Ao fim de pouco tempo, estava interessado pelo acontecimento a que se referia o meu visinho, e que eu, em absoluto, ignorava. A minha situação era a de quem encontra uma pagina de folhetim, de que não conhece nem o fim, nem o principio. O meu homem não se deu por achado, e entrou, de prompto, e tirar-me da difficuldade.

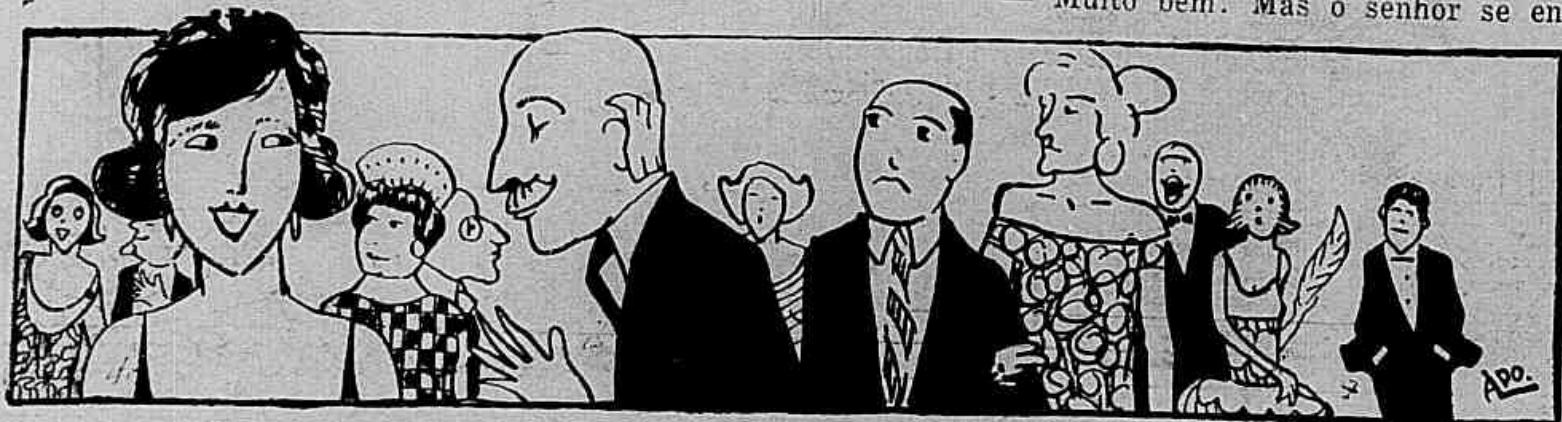
— Desde a minha chegada a Paris — começou elle, — onde saltei com um lindo patrimonio, na posse do qual acabava de entrar, eu me vi, logo, cercado de um exercito de amigos, e, sobretudo, de amigas... E já viu o senhor como uma bola escaldante?

— Não me recordo ter visto...

— Pois, bem: se o senhor vir um dia tal cousa, poderá ter idéa da rapidez com que se volatizou o meu dinheiro, ao duplo fogo do amor e da amisade. Um bello dia, o meu procurador, que era um pandego de bôa marca, escreveu-me, dizendo-me que eu tinha ainda na sua mão, uma cedula de 72 francos, e mais alguma cousa. O total estava á minha disposição... E o senhor pôde imaginar a cara com que eu fiquei?

— Como se a estivesse vendo...

— Muito bem. Mas o senhor se en-



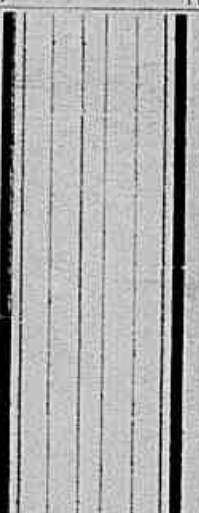
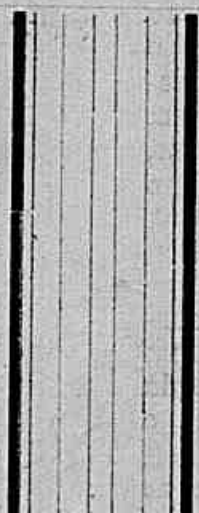


Um verdadeiro achado por ALPHONSE ALLAIS

gana redondamente, pois, no "pos-scriptum", o farcista do procurador mandava-me comunicar que a minha horrível tia Barbara acabava de estourar, instituindo-me seu unico herdeiro, unicamente para deserdar a familia... Alegria entre meus amigos! delirio entre minhas amantes! Essa alegria e esse delirio, pareceram-me determinados por moveis inferiores. Seria por mim que essas creaturas se alegravam? Seria por ellas mesmas? Um ligeiro exame da situação confirma a probabilidade numero dois. E foi, então, quando eu tomei a viril attitude a que acima referi.

— Vamos a ella!

— Fiz as minhas contas. Eu tinha vinte e sete amigos e desoito amantes cada qual, entre umas e outros, na apparencia, mais encantador, mais delicado, mais desinteressado. Bastava eu entrar em qualquer parte e era aquelle barulho; "Olha alli! Ahi está o Emilio! Deixa que eu te beije meu Mimiliosinho! Bom-dia, Emilio!" E eram asperos de mão, abraços, beijocas, que choviam! Eu me divertia a estabelecer o preço daquellas demonstrações de afeição. Um aperto de mão me sahia uns pelos outros, por 2 francos e 75; um beijo por 11 fr 30. Isoladamente, não era nada; mas, ao fim do anno, não restariam 3 francos, sequer, para pagar um carregador... Reajamos! fiz eu, com voz forte. E a partir desse momento, todos os dias que Deus dava, eu despedia ora uma amante, ou um amigo.



— E então?

— Eu não agia, porém, cegamente. Era meu proposito não conservar de tudo aquillo senão uma amiga e um amigo, a melhor e o melhor. Eu empregava o processo da "selecção por eliminação". O senhor percebe?

— Perfeitamente.

— Cada dia era o mais canalha dos meus camaradas ou a mais cynica das minhas bôas amigas, que eu condemnava friamente... E de tal forma procedi, que, ao fim de quarenta e trez dias eu não tinha em meu activo mais do que um bom rapaz e uma excellente rapariga, mas, esses, o creme dos cremes, a escolha das escolhas! Um rapaz sincero, fiel, incapaz de uma traição, adorando-me, e sempre prompto a atirar-se á agua por minha causa e uma rapariga encantadora, louca por mim, ignorando totalmente as questões de dinheiro, em uma palavra — uma rapariga que me amava por mim mesmo!

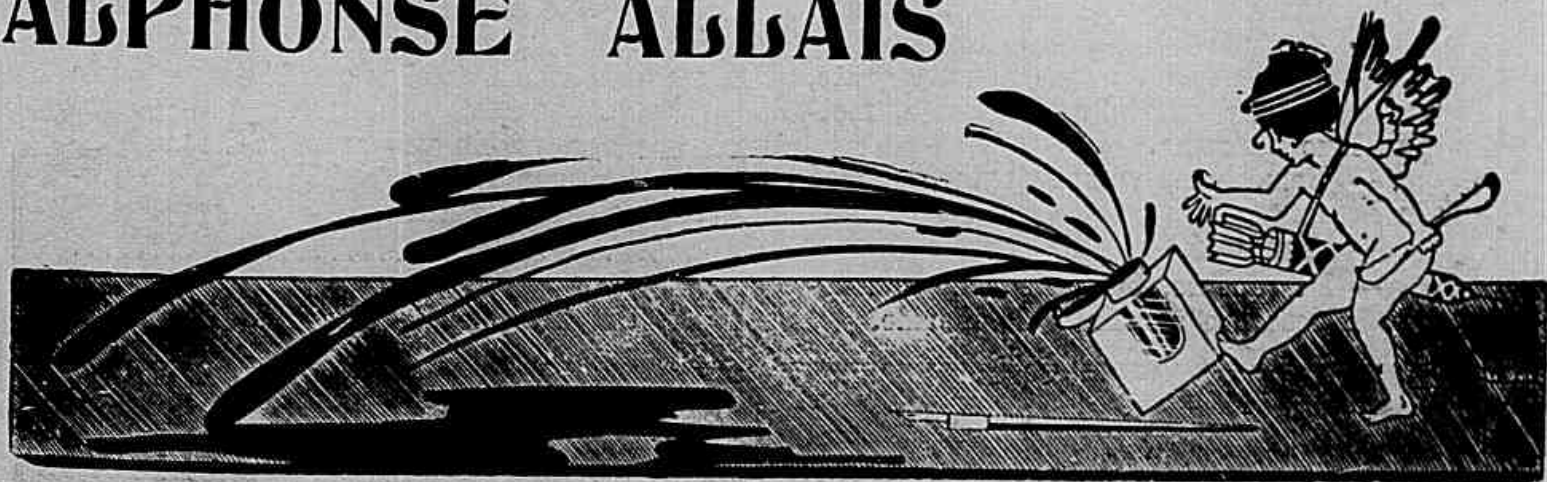
— Duas perolas!

— Duas perolas do mais puro Oriente! Então, eu os tomei commigo, e vivemos nós, os tres, em minha pequena propriedade, como se fossem verdadeiros gallos de louça.

— E o seu amigo entende-se bem com a sua amiga?

— Na perfeição!... Dão-se tão bem que, ainda hontem, á noite quando eu cheguei em casa encontrei os dois, juntos, na minha cama!...

ALPHONSE ALLAIS



Nos annos d'ella POR F. BOUILLOT

Quando a criada abriu a porta, o Anastacio, escondendo apressadamente atrás de si o grande "bouquet" que levava, perguntou baixinho:

— A senhora já veio?

— Ainda não.

— Bem, bem, está bem.

E o Anastacio entrou e foi logo direito á sala de jantar.

A mesa estava posta.

Collocou o "bouquet" n'uma jarra, ao centro de mesa, e, em seguida tirando do bolso um escriptorio de velludo carmezim, abriu-o, contemplou com extasi um meio adereço de perolas e esmeraldas, fechou-o e collocou-o em seguida sob o guardanapo, no lugar onde a esposa costumava sentar-se habitualmente.

Era o dia dos annos della.

Queria fazer aquella deliciosa surpresa á sua querida Luiza. E ageitou em seguida um pouco melhor a disposição da mesa e chegou mais para o pé do seu o prato della.

E o Anastacio radiava de alegria ao prelibar o gozo do olhar que a esposa havia de lançar-lhe quando encontrasse as joias que lhe levava.

E accendeu um cigarro e esperou.

Mas o tempo ia passando e o Anastacio começava a inquietar-se, a arrefer-lhe a alegria. E deu seis horas. Costumavam já então estar á mesa nos outros dias.

Emfim, talvez ella se demorasse a fazer compras.

E accendeu outro cigarro e esperou.

Afinal, bateu sete horas.

Já estava impacientissimo.

Mas n'isto tocaram a campainha; correu a abrir a porta e ficou-se no alto da escada, á espera da esposa, cujo vestido rugia impertinentemente a cada degráo que aquella ia subindo.

— Tardaste tanto!

— E' verdade.

— Já estava com cuidado.

— Então, que queres? Em a gente indo á casa das Carvalhos, parece que fica lá...

— Ah! tu estiveste em casa das Carvalhos?

— E' verdade; passei, subi sem intenção de me demorar, mas estava a ver que não me deixavam vir hoje para casa. Depois, a mãe também está um pouco doente.

— Mas não é coisa de cuidado?

— Creio que não; mas aquella gente, em tendo uma dorzinha de cabeça, mette-se logo na cama.

— Bem, bem, vamos jantar, que já são horas.

— Vamos lá.

— De repente, Luiza pega no guardanapo e descobre a offerta do marido.

— Que vem a ser isto?

— Então não sabes que é hoje o dia dos teus annos?

— Oh! nem me lembrava.

— Então não gostas? é o mais "chic" que havia lá na loja.

— Sim, não é feio; mas eu preferia topasios...

Calaram-se.

Anastacio tivera uma desillusão completa.

Luiza arrumou para o lado o escriptorio e começou a tomar a sopa.

— E' verdade, encontrei hoje o Ernesto.

— Encontraste?

— Ia com pressa, disse que vem amanhã jantar connosco.

— Sim, está bem.

— Dizes isso de um modo... Contraria-te?

— Não, filhinha, eu gosto delle, é bom rapaz.

— Entretem muito a gente, faz rir muito; conta coisas com uma graça extraordinaria.

— Isso é verdade; mas tem um modo que parece que está sempre a fazer troça dos outros.

— Ora, adeus! é que elle é assim alegre. Olha, eu por mim gosto de o ouvir conversar, tem muita graça.

Anastacio sentia-se pouco á vontade. Ernesto desagradava-lhe em extremo; sentia-se humilhado por elle, pois via-o sempre a rir-lhe nas bochechas. Mas não queria contrariar Luiza.

Esta puxou de repente do lenço para assoar-se e o Anastacio poute ver-lhe n'uma das pontas bordadas a lettra E.

Sobresaltado, interrogou:

— Que lenço é esse?

Luiza, reparando no lenço, disfarçou a perturbação que a tomara e respondeu:

— Ah! E' o lenço da Ermelinda. Esqueci-me de metter um na algibeira... pedi-lhe este.

Anastacio serenou.

De repente tocaram a campainha.

Eram as Carvalhos que iam levar os seus parabens e as suas prendas, por ser o dia dos annos de Luiza.

E logo na escada a mãe começou a gritar, em grande expansão de alegria e intimidade:

— Nós não devíamos cá vir, sua brejeira, já que a senhora não vae á nossa casa. Olhe que os cães que lá temos estão presos.

Luiza sentiu vergarem-se-lhe as pernas e desmaiou, sob a impressão do terrível olhar do marido.

.....

Um mez depois estavam divorciados.

F. BOUILLOT



HISTÓRIAS PORTUGUEZAS

O DOMADOR ESFOMEADO POR ANDRÉ BRUM

Cada vez que me lembro, do meu amigo Anicéto Valente, uma profunda commoção me embarga a voz e serve d'elevador ao copioso pranto que me sobe aos olhos. Imaginem que a esse moço, falecido na flor da idade, succedeu a aventura mais curiosa que conheço e que a sua morte foi das mais estupendas que se têm realiado no Universo, desde a criação do mundo.

Anicéto Valente nascêra após uma gestação normal de nove mezes e fôra fabricado por dois paes — isto é: por um pae e por uma mãe — extremamente extremosos, os quaes, desde que o Anicéto infante começára a dar provas d'uma estupidez pouco vulgar, o tinham destinado ás carreiras mais honrosas e lucrativas, que um homem pôde exercer. Alternadamente desejavam que seu filho viesse a ser medico, advogado, revisteiro, comandante de um batalhão de voluntarios, etc. Em resumo: o delirio das grandesas. O Anicéto porém, chegada a idade do dente de falta de siso, não demonstrava intenções de fazer pela vida e abraçar uma carreira; limitava-se a fazer dividas e a abraçar a miudo senhoras d'um porte mais que duvidoso. Um dia, os paes do meu velho amigo Anicéto Valente passaram d'esta para melhor, o que, de resto, tem acontecido a muitos paes sem serem os d'elle. Anicéto achou-se orfão e com uns cobres muito limitados.

— “Chegou a occasião de pensar a serio na vida reflectiu elle.

Mas, como não tivesse estado na Rotunda, teve que desistir de arranjar um lugar do governo. Nem deputado governamental conseguiu ser. Tentou varios modos de vida e nenhum lhe sorriu. Um dia, assistindo na feira de Alcantara á exhibição d'uma collecção de feras amestradas, bateu na testa como Napoleão e exclamou em portuguez, por não saber grego:

— “Eureka!

Tinha, finalmente descoberto a sua vocação, o que não admira, porque os portuguezes de hoje pertencem a uma raça de

descobridores. Quasi todos se descobrem bastante de noite. Anicéto sabia, finalmente, o que queria ser. O destino talhára-o para domador de feras. E, emquanto o diabo esfréga um olho, tomou de trespasse a barraca com o competente recheio de feras temiveis.

Passados oito dias de preparação, Anicéto estreou-se. A sua collecção de animaes ferózes compunha-se do Sultão, terrivel leão do Atlas — assim chamado, não por ter nascido na região do mesmo nome, mas por ter comido d'uma vez um atlas de geografia a um menino desprevenido, — d'um camello tuberculoso, d'uma serpente, que figurava no programma como sendo de cascavel, mas que era, quando muito, de Caravélos, d'um macaco piolhoso, que executava o manejo d'armas como qualquer general reformado, e, finalmente, d'um cão leproso, que, á noite, fingia de lobo terrivel.

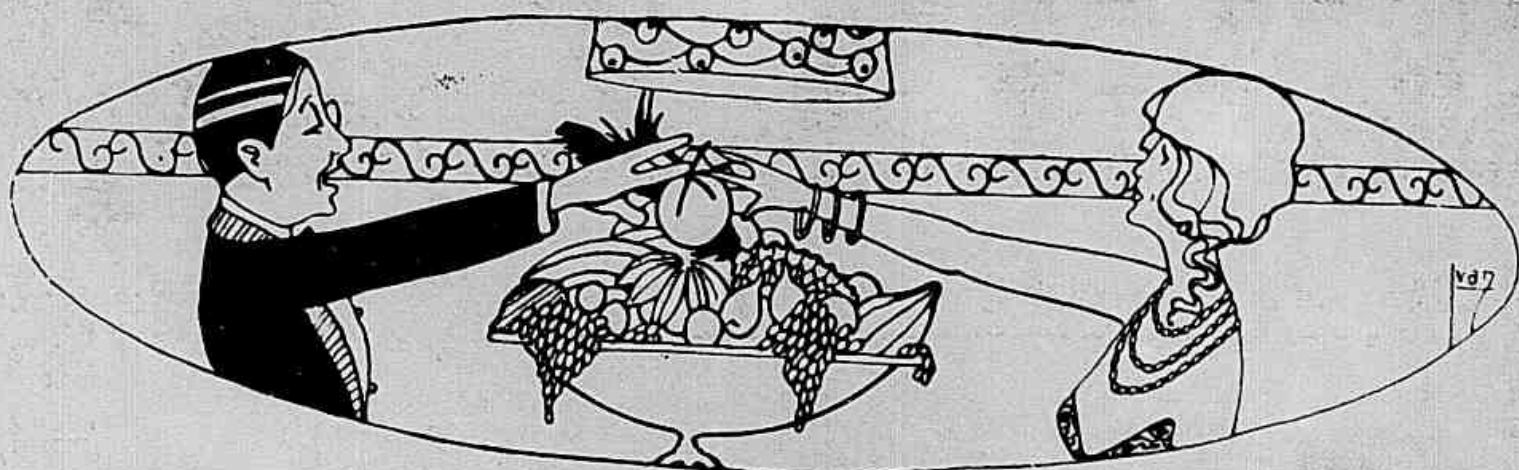
Emquanto o Anicéto teve com que dar de comer aquella malta toda, a cousa foi correndo. O peor é que a herança paterna gastou-se rapidamente e, como se dava a singular coincidência de ninguem entrar na barraca por mais feiras que o grupo percorresse, chegou um dia em que a miséria se tornou profunda e a fome negra.

Anicéto, depois de quatro dias de forçado jejum, partilhado pelo seu pessoal menor, vendo que nenhum freguez lhe cruzava a porta, reflectiu e chegou a esta conclusão:

— “Aqui não ha senão uma solução. Preciso é que ninguem se sacrifique.

E deliberou comer o macaco. Morto o bicho á traição durou dois dias. O leão comeu uma lasquinha das costellas, o cão roeu os ossos, o Anicéto avançou n'um bocado do assém, a cobra teve direito a chupar o rabo e o camello, que era de boa bocca, aproveitou a pelle.

No fim de dois dias, a fome começou a enegrecer novamente. O Anicéto, mirando o camello, teve de subito uma ideia genial: — “Olha... Nunca tinha reparado, murmurou elle. Aquelle amigo tem uma corcova no lombo, que lhe fica mal e não lhe serve para nada.



O DOMADOR ESFOMEADO POR ANDRÉ BRUM

Não lhes conto. A' tarde, o camello parecia um burro e a marreca marchou com batatas que foi um regalo. O proprio camello provou e achou de primeira. O peor foi que, atraz da corcova, marchou o resto do camello. Dizem que o camello e o coçar estão no principiar. Se bem que pelas suas avantajadas proporções devesse durar muito tempo, tanta era a fome que, no fim de oito dias, um viajante que indagasse na barraca se ali passára o automovel do deserto, como se diz na Arábia, nem rasto d'elle encontraria.

Terminado o camello, os outros bichos olharam-se com tristeza:

— “Qual de nós irá agora ao bucho? perguntava a cobra ao leão.

— “Eu sei lá! respondia o leão. Assim como assim, tanto se me dá.

— “Provavelmente vou eu, disse o perro. Tenho mesmo uma sorte de cão.

Caiu-lhe o raio em casa. O lobo amador estava mesmo no osso. Não tinha quasi nada que comer. Mal chegou para dois jantares e tres almoços.

Uma manhã a cobra ia a esgueirar-se por baixo da barra. Tinha dito ao leão:

— “Vou ali ao Cosmelli fazer testamento e já venho.

A' tarde o leão teve uma tijela d'um petisco que lhe pareceu eiró de caldeirada. Era a cobra que estava dando o que tinha a dar.

O terrivel leão do Atlas ficou só em face do domador. A situação era tragica. Aniceto estimava o leão como se tivesse andado com elle no collegio; mas ali não havia que hesitar: um tinha que comer o outro. Domador e leão miravam-se com o olhar d'aquelles celebres tripulantes da nau Catarineta, que até sóla deitaram de mólho para no outro dia almoçar.

A situação amparou-se, porque sobrevieram um sabbado e um domingo e, mercê da concorrência, o Aniceto apurou na bilheteria desoitto vintens e cinco. Começou a semana e então é que feram ellas. Na

quinta-feira—quatro dias de fome horrorosa se tinham passado—deu-se a tragedia.

Aniceto entrou na jaula para trabalhar. O leão nem forças tinha para levantar a pata com que, por combinação, costumava ameaçar o domador. Só conseguiu levantar uma das trazeiras, o que produziu um effeito pessimo em dois espectadores que estavam assistindo á funcção.

Um dos numeros do programma era o leão introduzir a cabeça na bocca do Aniceto. Quando chegou essa altura, o Sultão, vendo lusir os olhos do domador, recuou ante a bocca escancarada:

— “Usga-te!... Sempre estás com uma febre! Espera ahi que eu caio nessa.

De repente, o Aniceto foi atacado de delirio da fome. Lançou-se sobre o leão como um louco, pretendendo mordel-o. O leão fugia para todos os cantos, trepava ás grades como um gato assanhado e rugia com quanta pouca força tinha.

— “O' da guarda! Segurem este domador que me quer comer.

Accudiram então varios corajosos membros da carbonaria, que arrancaram o leão das unhas do Aniceto. Era tempo. O animal estava ferido em varios locaes e teve de ser conduzido ao banco do hospital de S. José, onde o coseram a pontos naturais.

O Aniceto morreu do ataque de fome e o Sultão foi enviado para o parque das Laranjeiras, onde ainda hoje se encontra, já velho e rheumatico, n'uma jaula com o seguinte letreiro:

SULTÃO

(Terrivel leão do Atlas)

“Escapou por milagre de ser devorado pelo seu domador na feira de Alcantara”.

★

Não tenham os meus credores mais uma hora de vida se tudo quanto acabo de contar não é a verdade nua e crua.

ANDRÉ BRUM

COMA, "SEU" FULGENCIO... POR LANE DE LACERDA

Sentado ao lado do collega de repartição, á mesa de jantar do mesmo, onde o talento de dona Chinóca transparecia em cada uma das iguarias que appareciam, o Fulgencio estava radiante de contentamento.

E não era para menos, um jantar daquelles logo no domingo, dia em que a dona da pensão, instituindo o descanso semanal das mandibulas e seus accessorios, só dava o tal ajantarado, vinha mesmo a calhar. Ceremonioso no entanto, como todo provinciano, Fulgencio ia se servindo criteriosamente, isto é, sem abusar.

Os da casa, attenciosos, levando em consideração talvez não ser elle um filante habitual, cobriam-no de gentilezas:

— Um pouquinho de mayonaise, seu Fulgencio.

E ainda não tinha posto a mayonaise no prato quando o outro vinha:

— Não faça cerimonia, olha este filé... está o succo.

E Fulgencio sorria, encabulava um pouco e vagarosamente ia comendo.

De repente, porém, surgiu na mesa um prato de quimbombô.

Fulgencio tremeu. Quimbombô!

Que cousa horrivel! Elle não podia supportar a tal petisqueira.

E estava bolando ainda um meio de não ser servido do gosmento legume quando:

— O senhor vai gostar, seu Fulgencio.

Não ha ninguem que faça isto como eu.

E dona Chinóca, elogiando-se cabotinamente, sapedou-lhe uns tres no prato.

Deixar de comer seria indelicado,

comer era capaz de provocar um protesto energico do estomago.

Emfim, era preciso resolver a situação e Fulgencio, tomando uma resolução, pensou:

— Não ha duvida. Eu engulo depressa esse negocio e tomo um copo d'agua para lavar a garganta.

E assim fez.

Ao engulir porém o terceiro quimbombô, dona Chinóca, notando a maneira rapida como elle o fazia, não se conteve:

— Eu logo vi que o senhor ia gostar.

E antes que o rapaz tivesse tempo de se defender.

— Pois coma, seu Fulgencio. Não faça cerimonia... a casa é sua.

E encheu-lhe o prato.



LANE DE LACERDA



O VINHO MOSCATEL

POR

MARIO SETTE

O dr. Januario Brazão, medico de grande merito, especialista em molestias das vias urina-rias, é tido em grande estima pelos clientes. O seu consultorio, que funciona contiguo á sua propria residencia, conta todos os dias uma romaria de doentes, avidos de melhora, devotos dos exames conscienciosos feitos por elle em seu aperfeiçoado gabinete.

Tão crescido é o numero de candidatos a essas pesquisas que a d. Maroquinhas, sua esposa, apesar do habito que tem de vendel-os, quando em vez, tem sempre num dos quartos da casa um esquadrão de frascos e garrafas vazias...

Pelas festas do Natal o commendador Vianna de Castro, homem abastado, curado duma nephrite pelo dr. Brazão, mandou-lhe de presente um decimo de vinho Moscatel, finissimo, ouro liquido, vindo da sua quinta portueza.

D. MAROQUINHAS. — (toda elegante, chapéo de plumas, prestes a sahir, calcando as luvas). Olhe, José, você, hoje, passe o dia engarrafando aquelle vinho. Quero encontrar tudo prompto quando voltar da rua. Ouviu?

JOSE' — Sim, senhora. Não tenha cuidado.

D. MAROQUINHAS — As ro-lhas estão na dispensa, peça á Deo-linda. E as garrafas, são aquellas



que comprei na venda. Procure na copa. Ouviu?

JOSE' — Póde ir descansada, d. Maroquinhas. Não ha de perder uma gota.

D. MAROQUINHAS — (já na porta, voltando-se sorrindo). Olhe mais: você póde provar um pouco do vinho, mas não vá ficar com macaquinhos no sótão!...

A' tarde. A dona da casa regressa e encontra sobre a mesa de jantar duas grandes fileiras de garrafas, todas brancas, bocas lacradas a vermelho, o liquido dourado trahindo-se pela diaphaneidade do vidro.

D. MAROQUINHAS — Tudo prompto, direitinho?

JOSE' — (meio alegre). — Tudo sim senhora. Deu bastante!

D. MAROQUINHAS — (num ar significativo) — E o Moscatel é gostoso? Parece...

JOSE' — (estalando os beijos). — Bom como o diabo! A senhora disse que provasse, eu provei... Aquillo, sim, é... um succo!

D. MAROQUINHAS — (rindo-se). — Succo de uvas... (reparando melhor) Mas... Espere... Como foi que você arranjou garrafas brancas para o vinho todo? As da venda eram quasi todas escuras!

JOSE' — (envaidecido). — Fui eu, patrôa, que achei melhor engarrafar tudo assim. Fica mais bonito. Aproveitei aquellas garrafas que estavam no quarto da puxada...

MARIO SETTE

Vigogenio

Engorda e dá vigor aos tecidos

O melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de "VIGOGENIO" faz mais effeito que um vidro do melhor tonico.

As Mães que criam, os Anemicos, as Moças pallidas, as Crianças rachiticas e Escrophulosas, os Exgottados, os Depauperados obtêm CARNE, SAÚDE, VIGOR e SANGUE NOVO, usando o "VIGOGENIO".

O "VIGOGENIO" é aconselhado:

1.º — Para as pessoas Fracas, Magras e com FALTA DE APETITE.

2.º — Para as pessoas com EXGOTTAMENTO PHISICO e cerebral, NEURASTHENIA e Excitação nervosa.

3.º — Para as pessoas em Convalescenças de MOLESTIAS INFECCIOSAS como FEBRE TYPHOIDE, gripe, VARIOLA, etc. Nestes casos o "VIGOGENIO" é de grande resultado.

4.º — Para as SENHORAS GRAVIDAS é muito recommendado, porque, devido ao seu grande poder nutritivo, augmenta a secreção lactea, concorrendo para a nutrição do pequeno sêr em formação.

5.º — Para as CRIANÇAS PALLIDAS, magras, de CRESCIMENTO DEMORADO é de um resultado espantoso, pois é o tonico APPROPRIADO para esse fim. POUCOS VIDROS produzem effeito visivel, notando-se logo AUGMENTO DE PESO e melhor aspecto da criança.

6.º O "VIGOGENIO" é o fortificante mais receitado pelas notabilidades medicas, como Miguel Couto, Austregesilo, Rocha Vaz e outros, que, em BRILHANTES ATTESTADOS affirmam o SEU GRANDE VALOR.

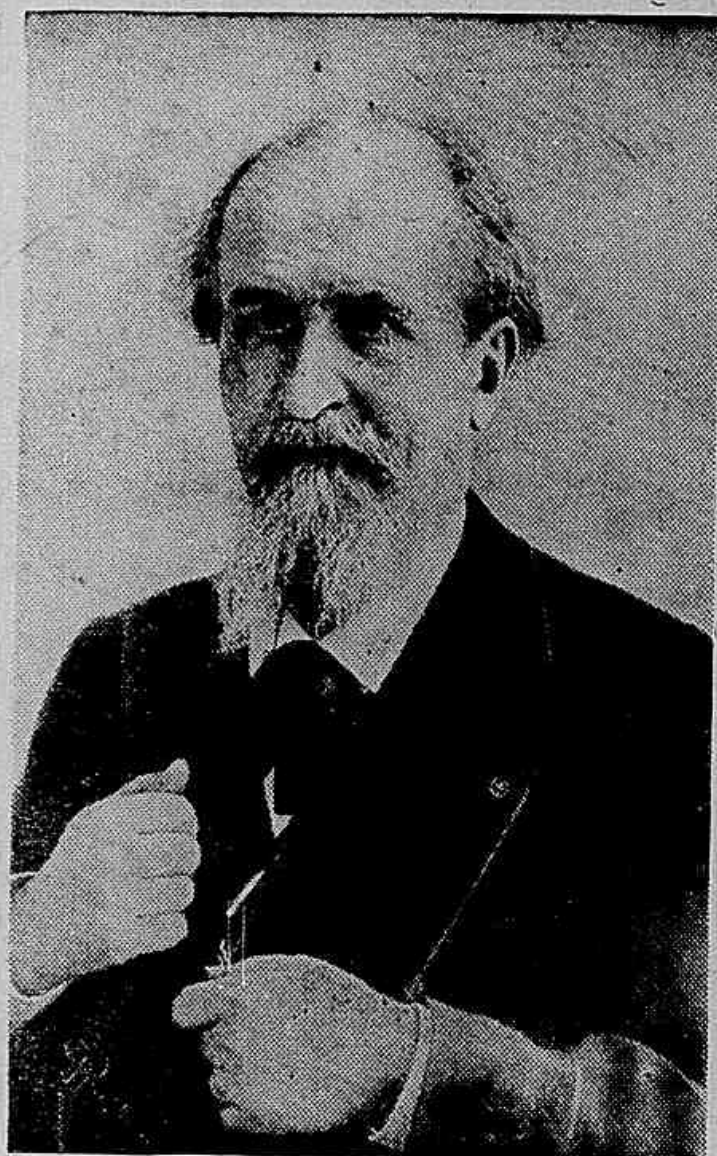
MIGUEL COUTO, o mestre da Medicina, diz:

"Attesto que tenho empregado em minha clinica particular e na do hospital, com o MELHOR RESULTADO, o "VIGOGENIO", EXCELLENTE PREPARADO, não só pela sua COMPOSIÇÃO, como pela IRREFREHENSIVEL fabricação."

DR. MIGUEL COUTO.

(Firma reconhecida.)

Licenciado pelo D. N. de S. P. sob n. 833, em 20-11-919



OBRAS DO CONSELHEIRO X. X.

(HUMBERTO DE CAMPOS)
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O escriptor mais lido e popular do Brasil

O autor mais alegre!

O humorista mais subtil!

ACABA DE APPARECER

Pombos de Mahomet

BROCHADO 6\$000 — ENCADERNADO 8\$000

Volumes já publicados :

VALLE DE JOSAPHAT	18.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
O TONEL DE DIOGENES	16.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
A SERPENTE DE BRONZE	12.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
GANSOS DO CAPITOLIO	15.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
A BACIA DE PILATOS	12.º milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500
A FUNDA DE DAVID	6.º milheiro, br. 6\$, euc. 7\$500
GRÃOS DE MOSTARDA	6.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500

Cada volume contém 120 chronicas maliciosas e do mais fino espirito, destinadas a fazer rir o homem mais triste e a sorrir a mulher mais melancolica.

— PEDIDOS À —
LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO
RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17, e 19
— RIO DE JANEIRO —